

A HIGIENIZAÇÃO HOSPITALAR: UMA SOLUÇÃO PALIATIVA

Gabriele de Andrade Leal¹

Joathan Borges Ribeiro²

Edson Paulo Santos Lima³

Enfermagem



**cadernos de
graduação**

ciências biológicas e da saúde

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

O presente artigo traz a higienização hospitalar como uma solução paliativa, pois, assim como os cuidados atenuantes ela visa trazer melhoras à saúde, contribuindo para que um indivíduo que está necessitado dos serviços hospitalares não seja afetado com uma possível infecção hospitalar causada pela falta de higienização. Além disso, um ambiente corretamente higienizado contribui também para o bem-estar físico dos pacientes, preservação de materiais e evita ainda alguns acidentes de trabalho. O estudo tem como objetivo identificar os procedimentos a serem seguidos para a higienização hospitalar, comparar a condição microbiológica antes e depois da higienização, diferenciar desinfecção de esterilização e analisar as consequências provenientes da desinfecção hospitalar e/ou ausência da mesma. A metodologia baseou-se na busca de livros e artigos científicos para a construção e elaboração das ideias a serem apresentadas, para propor respostas aos questionamentos apresentados. Foi obtido como resultado a percepção acerca da frequência para realização de procedimentos destinados a uma correta higienização hospitalar que se estabelecerá de acordo com a área a qual visa eliminar toda a sujidade e, conseqüentemente, os microrganismos que podem desencadear infecções. Além da distinção entre desinfecção, que consiste em um processo que elimina uma grande parcela dos microrganismos presentes nas superfícies hospitalares e esterilização, utilizada como meio mais eficaz na eliminação microbiana por destruir, inclusive, os esporos bacterianos. Concluímos que apenas com a higienização não é possível extinguir o risco de infecções hospitalares, entretanto, não se pode deixar de levar em consideração a parcela de responsabilidade relacionada aos padrões de assepsia e de higiene do ambiente hospitalar.

PALAVRAS-CHAVE

Higienização. Microrganismos. Infecção Hospitalar.

ABSTRACT

This article provides hospital hygiene as a stopgap solution - once just like mitigating care it aims to bring health improvements, contributing to the fact that someone who needs hospital care should not be affected by a possible hospital infection caused by lack of hygiene. Moreover, a properly sanitized environment also avoids some job accidents, contributing to the preservation of work materials and patients' physical well-being. The objective of this study is to identify the procedures to be followed to accomplish hospital hygiene, compare the microbiological condition before, after the cleaning, differentiate disinfection from sterilization, and analyze the consequences that comes with the hospital disinfection or the lack of it. The methodology was based on the search of books and scientific articles to construct and develop the ideas to be presented, seeking theoretical foundations for proof thereof and to propose answers to submitted questions. We obtained as a result the perception around the frequency of procedures to be carried out so a correct hospital hygiene can be accomplished, according to the area, which we want to eliminate all dirt, and consequently, microorganisms that can trigger infections. Besides the distinction between disinfection, which consists in a process that eliminates a large portion of the microorganisms in the hospital surfaces, and sterilizing, used as the most effective mean to eliminate microbes, once it destroys even bacterial spores. We also present an exposure that refers to the contamination of some hospital surfaces by microorganisms, in which it was observed the presence of these due to improper cleaning of surfaces. We conclude that only sanitation cannot eliminate the risk of hospital infections, however, we cannot fail to take into account the share of responsibility related to the standards of sterilization and hygiene in the hospital environment.

KEYWORDS

Hygiene. Microorganisms. Hospital infection.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a higienização hospitalar como a responsável pela preparação de um ambiente que proporciona segurança e contribui para a qualidade dos serviços a serem realizados. O tema levantado possui grande importância por alertar e orientar sobre os cuidados que devem ser tomados acerca da higienização hospitalar, que, além de prevenir infecções hospitalares, também é responsável por conservar equipamentos e prevenir acidentes de trabalho.

Dentro desse contexto, questiona-se: Quais são os procedimentos adequados que devem ser seguidos para uma correta higienização hospitalar? Será que apenas com a higienização é possível erradicar a infecção hospitalar?

Justifica-se este trabalho pela contribuição que se pretende fazer à sociedade por meio dele, orientando sobre procedimentos essenciais e necessários para uma

correta higienização, a qual pode ser considerada o pilar para o combate e prevenção das infecções hospitalares. Os hospitais são considerados os principais locais de focos de contato e transmissão, portanto, é preciso tomar os cuidados adequados para que se possa evitar que a falta de higienização prejudique aos pacientes e a equipe de profissionais de saúde envolvidas nas atividades hospitalares.

Segundo Andrade (2000), o meio ambiente hospitalar incluindo tudo que cerca o paciente, tal como o ar, a água e as superfícies inanimadas, conserva íntima relação com as infecções hospitalares, podendo oportunizar diversas formas de contaminação. Embora as principais causas de infecção hospitalar estejam relacionadas com o doente susceptível à infecção e com os métodos terapêuticos utilizados, não se pode omitir a parcela de responsabilidade alusiva aos padrões de assepsia e de higiene do ambiente hospitalar.

Tal autor faz ainda uma menção à renomada Florence Nightingale, enfermeira que criou a teoria ambientalista, objetivava priorizar o fornecimento de um ambiente ideal ao desenvolvimento da saúde, ela acreditava que um recinto limpo e arejado faria um diferencial na recuperação dos doentes.

2 OBJETIVOS

A presente pesquisa tem como objetivos: identificar os procedimentos a serem seguidos para a higienização hospitalar; diferenciar desinfecção de esterilização e analisar a condição microbiológica das superfícies hospitalares e as consequências provenientes da desinfecção hospitalar e/ou ausência da mesma.

3 METODOLOGIA

A metodologia baseou-se na busca de livros e artigos científicos para a construção e elaboração das ideias a serem apresentadas, adquirindo-se assim, fundamentos teóricos para comprovação das mesmas e para propor respostas aos questionamentos apresentados, colaborando para que os possíveis leitores possam abranger seus conhecimentos acerca do tema tratado e assim os convençam sobre a real importância do conteúdo desenvolvido.

O presente artigo foi desenvolvido por meio de uma revisão de literatura, envolvendo a temática da higienização hospitalar, utilizando-se a Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Esta congrega as bases de dados do Literatura em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), MEDLINE entre outros.

A pesquisa de referências bibliográficas deu-se por meio dos descritores utilizados, sendo eles: higienização; microrganismos; infecção hospitalar. Foram estipulados como critérios de inclusão: documento com textos disponíveis na íntegra, estando estes publicados em português ou espanhol entre o ano de 2000 a 2015.

Como resultado da pesquisa foram obtidos 18 documentos referentes ao tema proposto e que se encaixavam nos critérios de inclusão estabelecidos. Desses, 13 foram publicados na língua portuguesa e 5 na língua espanhola. Quanto ao ano de publicação foi observado uma maior parte nos anos de 2009, 2010 e 2013 apresentando,

cada um deles, 3 artigos. Todo o material obtido foi submetido a uma leitura exploratória para seleção dos que viriam a ser utilizados de acordo com a especificidade apresentada

4 REVISÃO DE LITERATURA

A higienização hospitalar pode ser feita de diferentes formas e possui grande importância, pois, a ocorrência de uma infecção depende não apenas de um patógeno, como também de um hospedeiro e de um meio ambiente adequado para a sua proliferação. Deve-se atentar, porque o hospital é um local em que a disseminação de microrganismos é consideravelmente favorável e o hospedeiro, nesse caso, o indivíduo necessitado de cuidado, significativamente mais susceptível (CHAVES, 2015).

Os cuidados paliativos foram definidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma abordagem ou tratamento que melhora a qualidade de vida de pacientes e familiares diante de doenças que ameacem a continuidade da vida. O presente artigo traz a higienização hospitalar como uma solução paliativa, pois assim como os cuidados atenuantes ela visa trazer melhoras à saúde, contribuindo para que um indivíduo que está necessitado dos serviços hospitalares não seja afetado com uma possível infecção hospitalar causada pela falta de higienização. Além disso, um ambiente corretamente higienizado contribui também para o bem-estar físico dos pacientes, preservação de materiais e evita ainda alguns acidentes de trabalho.

5 PROCEDIMENTOS SEGUIDOS PARA HIGIENIZAÇÃO HOSPITALAR

A frequência da realização de procedimentos para uma correta higienização hospitalar estabelecer-se-á de acordo com a área a qual objetiva-se eliminar toda a sujidade e, conseqüentemente, os microrganismos que podem desencadear infecções. Essas regiões hospitalares são classificadas de acordo com o risco de transmissão de infecções para os pacientes em que nelas se encontram.

Com isso, essa categorização possui três níveis: áreas Críticas, sendo estas onde há maior reunião de pacientes graves com baixa resistência, maior número de procedimentos invasivos e, portanto, maior número de infecções sendo necessária a higienização das mesmas duas vezes ao dia e quando necessário.

Entre tais áreas estão o Centro Cirúrgico, a Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), entre outros; Áreas Semicríticas são as áreas ocupadas por pacientes que não necessitam de cuidados intensivos ou de isolamento, possuindo um risco menor de infecção, nelas é recomendado que ocorresse higienização uma vez ao dia e quando houver necessidade, como exemplos estão as Enfermarias em geral, Pronto Atendimento e Banheiros; e Áreas não Críticas, ou seja, todos os ambientes hospitalares onde não há risco de transmissão de infecção, não ocupadas por pacientes, ou destinadas a exames clínicos com isso, faz-se necessário a higienização uma vez ao dia e quando necessário, sendo eles o almoxarifado, recepções, setores administrativos em geral, entre outros (BRASIL apud YAMAUSHI et al., 2000; BRASIL, 2002; APECIH, 2004)

Para realizar uma correta higienização hospitalar faz-se necessário a utilização de alguns procedimentos básicos destinados à proteção pessoal no qual podemos citar a higienização das mãos, a não utilização de adornos, o uso de equipamentos de proteção individual (EPI) apropriado para a atividade a ser exercida. Além disso, deve-se atentar que os microrganismos podem ser dispersos por meio das partículas de pó, sendo assim é preciso evitar a varredura a seco de superfícies, optando pela varredura úmida (BRASIL, 2015).

Entre outras medidas, é preciso que todos os produtos saneantes utilizados sejam devidamente registrados ou notificados na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), utilizar sinalização e manter materiais organizados para evitar acidentes e poluição visual, todos os equipamentos usados deverão ser limpos ao término da jornada de trabalho, levando-se sempre em consideração que a limpeza deve ser realizada de acordo com a necessidade da instituição baseada nos conhecimentos que envolvem os seres microscópicos, os quais objetivam a eliminação.

6 DIFERENCIAÇÕES ENTRE DESINFECÇÃO E ESTERELIZAÇÃO

A esterilização é muito frequentemente confundida com a desinfecção, mas conhecer as divergências entre elas é demasiadamente importante na hora de realizar a higienização hospitalar adequada a cada procedimento. Ambas se assemelham por serem fundamentais para evitar contaminações e necessitarem de uma apropriada limpeza anteriormente, que é o momento em que se reduz a carga bacteriana e a sujidade do local com materiais simples, como água e sabão (BRASIL, 2010).

A desinfecção é descrita pela Sociedade de Anestesiologia do Estado de São Paulo (SAESP, 2008, on-line) como um “processo físico ou químico para reduzir o número de microrganismos viáveis para um nível menos prejudicial. Este processo pode não destruir esporos”. É importante ressaltar que existem níveis diferentes de desinfecção:

1. Desinfecção de alto nível – destrói todas as bactérias vegetativas, microbactérias, fungos, vírus e parte dos esporos. O enxague deverá ser feito preferencialmente com água estéril e manipulação antisséptica;
2. Desinfecção de nível intermediário – viruscida, bactericida para formas vegetativas, inclusive contra o bacilo da tuberculose. Não destrói esporos;
3. Desinfecção de baixo nível – é capaz de eliminar todas as bactérias na forma vegetativa, não tem ação contra esporos, vírus não lipídicos nem contra o bacilo da tuberculose. Apresenta ação relativa contra fungos. (SAESP, 2008, p. 1-2)

Segundo Engelkirk (2012) alguns gêneros bacterianos são capazes de formar esporos de parede espessa, que servem como uma camada que protege a bactéria e dificultam a sua destruição, os esporos bacterianos são denominados endósporos e o processo responsável pela sua formação é conhecido como esporulação. Esses

esporos possuem uma grande resistência a temperaturas, a falta de nutrientes como também a maioria das substâncias químicas.

A forma mais eficaz para a destruição deles é a esterilização, a qual se diferencia da desinfecção por ser um processo no qual é possível a destruição dos esporos. Existem diferentes modos de esterilização, mas o que iremos abordar é o método de esterilização por calor, por ser o mais usado para esterilização de materiais médico-hospitalares do tipo crítico. A eficiência de tal método é explicada pela seguinte circunstância:

A resistência que as células vegetativas e os endósporos bacterianos de um mesmo organismo apresentam ao calor varia consideravelmente. Por exemplo, na autoclave, normalmente se atinge a temperatura de 121°C. Nessas condições, os endósporos podem requerer a 4-5 min para uma redução decimal, enquanto as células vegetativas necessitam de 0,1-0,5 min a 65°C. Desse modo, procedimentos de esterilização pelo calor são eficazes na destruição de endósporos. (MADIGAN, 2008, p. 525-526).

Podemos concluir, portanto, que, além dos dois métodos serem muito eficazes, para a eliminação de microrganismos mais resistentes recomenda-se que seja feita esterilização, preferencialmente em uma autoclave, material obrigatório em hospitais de grande porte.

7 CONDIÇÕES MICROBIOLÓGICAS DE SUPERFÍCIES HOSPITALARES

Foi feita uma revisão integrativa onde foram observados seis artigos científicos que trazem a abordagem da condição microbiológica com e sem a presença da higienização em diferentes superfícies hospitalares. A maior prevalência dos estudos é sobre a contaminação dos colchões por microrganismos, mas estudos com materiais médico-hospitalares também serão tratados.

A pesquisa sobre a contaminação dos colchões hospitalares por microrganismos tem sido muito realizada devido a persistente contaminação destes pela permanência de patógenos nessas superfícies. Os estudos que observaram a eficácia da limpeza terminal e desinfecção dos colchões constataram que o procedimento realizado não era eficaz, visto que as condições microbiológicas dos colchões, na maioria das vezes, eram mantidas após o procedimento (OLIVEIRA et al., 2013)

A não eficácia pode ser explicada pela forma incorreta em que se foi realizada a limpeza, os colchões hospitalares são classificados como superfícies não-críticas, requerem, portanto, apenas limpeza. Porém há situações em que a desinfecção de nível intermediária é indicada. No Brasil, a ANVISA, juntamente com o Ministério da Saúde (MS), recomendam que a limpeza dos colchões consista rotineiramente do uso de água e sabão, seguida das fases de enxague e secagem das superfícies, o uso de desinfetantes só é recomendado nos casos em que houver a presença de matéria

orgânica e/ou microrganismos resistentes. Nesse caso, a recomendação é remover a matéria orgânica com papel-toalha ou pano, proceder à limpeza com sabão e realizar a desinfecção com o álcool a 70%, ou outro desinfetante definido pela comissão local de controle de infecção hospitalar (OLIVEIRA et al., 2013; MUNDIM et al., 2003; ANDRADE et al., 2000).

Tomaremos como base a bactéria *Staphylococcus aureus* para comparação da condição microbiológica com e sem a higienização adequada nos colchões hospitalares, para a identificação de tal bactéria utiliza-se o meio de cultura manitol, que seleciona bactérias gram-positivas e é um diferencial para o microrganismo estudado. Em um estudo realizado em um hospital filantrópico no interior do Estado de São Paulo, foram testados doze leitos antes e depois da limpeza, totalizando vinte e quatro placas (SILVA et al., 2011). Duas diferentes técnicas foram observadas:

Técnica 1: o autor envolvido na coleta utilizava luvas estéreis e realizava a limpeza unidirecional, no sentido da área mais limpa para a mais contaminada, com 10 ml de álcool 70% e tecido de algodão, previamente esterilizado de uso único; Técnica 2: o autor utilizava luvas estéreis e realizava movimentos circulares, independentemente do grau de contaminação presente nas diversas áreas do colchão, com 10 ml de álcool 70% e tecido de algodão previamente esterilizado de uso único. (SILVA et al., 2011, p. 244).

Pôde ser notado que existiam mais microrganismos no período anterior à limpeza, e em ambas as técnicas houve redução microbiana na maior parte dos casos, tendo sido a técnica 2 a mais eficaz, onde houve maior redução da contagem microbiana. Materiais de uso médico como estetoscópio e termômetros foram analisados também em outro estudo Barbosa (apud MALUF et al., 2002), analisou

8 CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto, foi possível concluir que se faz necessário uma correta classificação quanto ao risco de infecção das áreas hospitalares pela direção e funcionários dos estabelecimentos destinados ao cuidado para que haja uma regularidade na execução de procedimentos higienizantes de acordo com o tempo exigido pela categorização feita, gerando uma preservação de instrumentos utilizados nas atividades locais como também prevenção de acidentes neles.

Vale ressaltar ainda sobre a grande importância da diferenciação entre desinfecção, processo destinado à eliminação do risco de contágios patogênicos e que pode ocorrer com o auxílio de meios físicos e químicos, e esterilização, destruição de toda forma de vida microbiana além dos esporos bacterianos, pelos indivíduos responsáveis por tais processos, visto que ambos contribuem para o desenvolvimento adequado da higienização hospitalar.

Contudo, apenas com a higienização não é possível extinguir o risco de infecções hospitalares. Entretanto, mesmo que as principais causas de infecção hospitalar estejam relacionadas com o doente susceptível à infecção e com os métodos terapêuticos utilizados, não se pode deixar de levar em consideração a parcela de responsabilidade relacionada aos padrões de assepsia e de higiene do ambiente hospitalar. Por isso, cabe aos profissionais da área da saúde manterem um nível maior de cuidado para com os clientes por meio dos procedimentos realizados, prezando pela utilização dos equipamentos de proteção individual como também, o uso de luvas, materiais cortantes e instrumentos que sirvam como meio de infecção, descartáveis, evitando-se assim, a ocorrência de infecções cruzadas, ou seja, passadas cliente à cliente.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Denise de; ANGERAMIA, Emília L.S.; PADOVANIB, Carlos Roberto. Condição microbiológica dos leitos hospitalares antes e depois da sua limpeza. **Revista de Saúde Pública**, v.34, n.2, p.163-169, abr. 2000.
- BARBOSA, Ayla Cristina Nóbrega. Avaliação microbiológica de artigos de uso médico numa unidade de terapia intensiva. **Revista Eletrônica de Ciências**, Campina Grande, v.11, n.16, out. 2011.
- BRASIL. Ministério da saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Segurança do paciente em serviços de saúde: limpeza e desinfecção de superfícies**. Brasília-DF: ANVISA, 2010.
- CHAVES, L.D.P. *et al.* **Governança, higiene e limpeza hospitalar: espaço de gestão do enfermeiro**. Ribeirão Preto, 2015.
- ENGELKIRK, Paul G.; DUBEN-ENGELKIRK, Janet. Burton, **microbiologia para as ciências da saúde**. 9.ed. Rio de Janeiro-RJ: Guanabara Koogan, 2012. 436p.
- GUERRA, Leonardo Mousinho *et al.* Processamento dos materiais médico-hospitalares: uma revisão bibliográfica sobre a eficácia da esterilização. **Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção**, v.3, n.2, p.62-66, set. 2013.
- MADIGAN, Michael T.; MARTINKO, Jonh M.; PARKER, Jack. **Microbiologia de Brock**. 10.ed., 2.reimpr. São Paulo-SP: Prentice Hall, 2010. 608 p.
- MUNDIM, Guilherme Justino *et al.* Avaliação da presença de *Staphylococcus aureus* nos leitos do Centro de Terapia Intensiva do Hospital Escola da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, em relação à posição no colchão antes e após a limpeza. **Rev. Soc. Bras. de Med. Trop.**, v.36, n.6, p.685-688, nov-dez. 2003.

OLIVEIRA, Adriana Cristina de; DAMASCENO, Quésia Souza. Superfícies do ambiente hospitalar como possíveis reservatórios de bactérias resistentes: uma revisão. **Rev. Esc. Enferm.**, v.44, n.4, 2010.

OLIVEIRA, Adriana Cristina de; VIANA, Roberta El Hariri; DAMASCENO, Quésia Souza. Contaminação de colchões hospitalares por microrganismos de relevância epidemiológica: uma revisão integrativa. **Revista de Enfermagem**, Recife, v.7, n.1, p.236-245, jan. 2013.

OMS – Organização Mundial de Saúde. Definições e princípios. In: OLIVEIRA, R.A. (Org.). **Cuidado paliativo**, São Paulo: Cremesp, p.15-32, 2008.

SAESP – Sociedade de Anestesiologia do Estado de São Paulo. **Limpeza, desinfecção e esterilização de equipamentos utilizados em anestesia**. São Paulo: SAESP, 2008. Disponível em: <<http://www.saesp.org.br>>. Acesso em: 04 de novembro de 2016.

SILVA, Nayara de Oliveira *et al.* Avaliação da técnica de desinfecção dos colchões de uma unidade de atendimento à saúde. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.15, n.2, p.242-247, 2011.

Data do recebimento: 10 de Março de 2017

Data da avaliação: 26 de Junho 2017

Data de aceite: 30 de Junho de 2017

1. Acadêmica do 6º período do curso de enfermagem da Universidade Tiradentes – UNIT.

E mail: gabiandradeleal@hotmail.com

2. Acadêmico do 6º período do curso de enfermagem da Universidade Tiradentes – UNIT.

E mail: joathanborgesribeiro@gmail.com

3. Mestre em Sociologia; Docente da Universidade Tiradentes – UNIT.

E mail: edsonplima@hotmail.com

